

A VIDA INCOMPLETA

Eduardo von Sperling

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021



Assentada no banco de madeira na varanda de sua casa, Adriana tem o rosto contraído. A falta de serenidade que toma conta do seu corpo e do seu espírito não é devida à tristeza — talvez apenas em um grau muito pequeno — nem tampouco ao desespero, este já quase afastado de sua vida há algum tempo. O que perturba Adriana é algo ainda pior, formado por uma dupla de fantasmas que caminham de mãos dadas: a resignação e a indiferença. Aquela já era esperada após tantos embates sofridos em sua pobre vida, todos eles carregando o pálio da derrota. Já a indiferença foi chegando pouco a pouco, em doses variadas, mas sempre crescentes, lembrando um processo de envenenamento cruel e persistente. Há já muitos meses que ela só sorria quando o cachorro Leão se aproximava da dona e implorava por gestos de carinho, antes tão abertos, agora cada vez mais furtivos. Mesmo assim, ao contemplar o rosto do seu melhor amigo, Adriana não resistia aos olhos chorosos do animal e ao movimento frenético da longa cauda amarronzada. Nestes curtos momentos os lábios de Adriana, com algum esforço, se espichavam simetricamente no direcionamento

horizontal, buscando uma amplitude maior, mais firme, a qual, todavia, nunca era atingida. No entanto, Leão, lançando mão da sagacidade que sempre o brindava nos instantes mais relevantes, sabia que sua dona havia construído alguma forma de sorriso. Como prenda de agradecimento ele se enroscava nas pernas magras de Adriana e rosnavava um som cavo, que era seu claro sinal de contentamento.

A maior parte do terreno da casa apresentava uma leve inclinação em direção ao arroio, um estreito curso de água que cortava algumas dezenas de metros da área da propriedade. Apesar da reduzida vazão do córrego, ele tinha o privilégio de ser protegido por fragmentos de mata ciliar, esta não muito densa, é verdade, mas capaz de ocultar a superfície líquida dos olhares de um observador. Tal singela característica conferia ao ambiente um certo aspecto de acolhimento, já que o agradável som da corrente aquática escoando sobre as pedrinhas do leito mostrava que ali havia algo que não podia ser visto. Nas épocas de maior religiosidade Adriana comparava este cenário a um sopro divino, o qual pode existir mesmo sem ser identificado pelo olhar humano. Na estação das chuvas as águas rebeldes do riachinho cresciam repentinamente, espalhando-se sem disciplina pela várzea verde e florida. Era nesta ocasião que alguns pequenos peixes podiam ser vistos, todos nadando em alta velocidade, não se sabe se pela euforia de sentir no corpo o majestoso caudal ou se pela pressa em fugirem das marolas que os empurravam em direção às margens. Após passar pela propriedade vizinha, atualmente desocupada pela morte do dono, com os filhos brigando como loucos pela pequena herança, o

ribeirão desembocava no majestoso rio Quaraí, onde tudo se diluía, lama, folhas, gravetos, peixes, espumas, engolfados pela potência das águas firmes que dominavam a região. Mas como a natureza, embora sublime, nunca é condescendente, ela levava o Quaraí, ainda com um carinho de mãe, por mais de trezentos quilômetros na plana região dos pampas, para então, com um golpe que parecia raivoso, arremessá-lo na imensidão do rio Uruguai, este tão grande que lembrava um mar. Ali desaparecia o Quaraí, mas só aparentemente, pois a massa de água que vinha atrás era renovada em um perpétuo movimento. O que sumia aqui ainda existia acolá, o que era perdido na foz, a mãe repunha a montante. Desta forma o curso de água nunca morria, ele era eterno como o ir e vir das sofridas almas que perambulavam por suas margens.

Já que Hector não estava em casa, possivelmente tivesse ido à feira na cidade, ou quiçá procurasse companheiros para dividir uma garrafa de vinho, pois nunca se sabia o destino que ele tomava, sempre mudo como uma pedra, só engrolando palavras confusas quando a embriaguez lhe assaltava sem piedade, Adriana levantou-se vagarosamente, espreguiçou o corpo cansado de tanta inércia e foi ao fogão para verter mais água fervente no seu chimarrão. Lá fora o vento assoviava com raiva, prenunciando a chuva que logo cairia. De volta à varanda Adriana recostou-se na parede caiada e sorveu lentamente o chá, cujo sabor a acompanhava desde a infância. O aguaceiro já havia se iniciado. De olhos fechados, ainda assentada, ela aproximou o banco do gradil, esticou as pernas dormentes e deixou os grossos pingos de água, que batiam vigorosamente

nas ripas de madeira, respingarem atordoados em seu rosto cansado. Aquele foi o primeiro momento de prazer que ela sentia na arrastada tarde de domingo.

O sol já estava se pondo quando um vulto cambaleante adentrou a casa pela porta dos fundos. Na opacidade do crepúsculo Adriana, mesmo sem divisar os contornos da figura que fazia ranger o assoalho de madeira, sabia que era o companheiro que voltava de algum sítio desconhecido. Companheiro? Há muito que ela já não utilizava este termo, nem mesmo nos pensamentos atribulados que varriam sua mente em quase todas as horas do dia e da noite, acintosamente povoando seus devaneios e sonhos de um gosto acre de revolta e solidão. Nunca se casaram, malgrado a intolerável insistência de Hector, a qual brotava, ocasionalmente, em alguns momentos mais serenos daquela sofrida vida a dois. Ele queria os papéis, a cerimônia, o padre, a festa depois da igreja, não por um desejo cívico de satisfazer a sociedade, mas, unicamente, como prova para si próprio de que ali havia uma família, infeliz, na verdade, mas certamente real. O único instante em que a sombra fugaz de uma aceitação voltejara nos recantos angustiados da mente de Adriana foi quando nasceu Julinho, o desditoso filho que viu a luz do mundo por poucas horas. Mal seus olhos se abriram eles se tornaram a fechar. Nas palavras do reverendo, repetidas também pelo médico, haveria agora mais um anjinho no céu. O pai, embrutecido pela pungência da dor maior, desabafara a opressão que lhe consumia bradando aos quatro ventos que o cônego, o doutor e ainda o Deus que tudo provia fossem juntos à merda e de lá nunca mais voltassem.

Os prantos dos pais pela perda inesperada, embora coincidentes no aspecto temporal, foram descontraídos na sua essência de sofrimento. Cada um vivenciava separadamente o inferno que lhe cabia ou que julgasse merecer. Um silêncio desolador, à semelhança do túmulo onde jazia a inocente criança, tomou conta da casa por cerca de várias semanas. Os olhares dos dois adultos sequer se cruzavam. Era como se a habitação amaldiçoada fosse ocupada apenas por uma pessoa, tendo por sórdida companhia o espírito maligno do outro. Muitos anos depois Hector comentou que, naquele infausto período, até os animais perderam peso e as plantas feneceram como se eivadas de praga mortal. Adriana, em um moroso processo de autoconvencimento, tentara apagar da memória as imagens que a consumiam de forma corrosiva. De fato, algumas delas se encafuaram em dobras ocultas da mente que se abrasava, para depois, pouco a pouco, à guisa de bandoleiros nas estradas, ressurgirem com o horror que lhes pertencia. Todo este pesadelo, que não tinha nome nem tamanho, voltou à tona no instante em que Hector entrara em casa, arrastando seus passos trôpegos e tateando as paredes na busca de um equilíbrio para o corpo apodrecido.

— Tem comida? — foi a curta frase que saiu da boca pestilenta do falso marido.

Adriana, massacrada pela insolência do companheiro embriagado, pensou em não responder. Durante dois ou três segundos nada se ouvia no frio recinto da cozinha. Enquanto os olhos do ébrio se agigantavam, Adriana, pressentindo a eclosão de um ataque de fúria por parte daquele inimigo invasor,

abaixou os olhos e pronunciou as três letras que refletiam a verdade do momento:

— Não.

Em seguida ela se afastou sem pressa em direção ao quarto escuro. Foi quando um solavanco brusco, mas talvez já previsto, interrompeu a marcha da alquebrada companheira. Hector, apertando com a mão esquerda o braço de Adriana, girou seu corpo franzino e fez vibrar na mão direita a faca de cortar carne, ainda suja pelo uso recente. O instrumento oscilava no ar ao compasso dos tremores que balançavam o braço forte do adversário emporcalhado. Por inesperado capricho dos jogos de luz a lâmina fria brilhou por um átimo em resposta à incidência dos raios da lua cheia. Estava ali formado o cenário de um filme de terror. Em movimento repentino Adriana empurrou o corpo do agressor e logrou safar-se do perigo iminente. No entanto, movida por um pensamento inexplicável, provavelmente colhido do fundo mais sombrio da mente atônita, a vítima estancou o passo fugidio, rodou os pés na direção contrária e empreendeu o curto caminho de volta até o corpo suado que a aterrorizava. Ali, em gesto de contornos bíblicos, Adriana abriu os braços e ofereceu o corpo ao ritual de imolação. Ela tinha a clara certeza de que a morte cruenta seria mais branda do que a contemplação da insanidade do companheiro abjeto. Os olhares se chocaram, um desafiador, o outro perplexo. Com a face lívida, como se ali não houvesse mais sangue, Hector abriu repentinamente a palma da mão direita e deixou que a faca caísse sobre o chão da cozinha, provocando um ruído seco, em lúgubre contraste com o uivo ininterrupto daquela noite de ventania. Logo

ele se encostou junto à parede manchada de gordura e deixou o corpo escorregar lentamente em direção ao chão. As duas mãos cobriram o rosto envergonhado, na vã tentativa de mascarar um pranto agudo, juvenil, incompatível com a compleição do brutamonte que o gerava. Adriana, tomada por uma gélida indiferença, retomou seu curto caminho em direção ao quarto.

Já deitada na cama, mas com os olhos fixos na janela aberta, que lhe oferecia a visão das árvores molhadas do quintal e do varal vazio de roupas, ela pôs as mãos cruzadas sobre o peito. Ciente de que o sono arisco não chegaria com facilidade Adriana começou a rememorar cenas de sua infância tranquila e da adolescência infeliz. Em dado momento surgiu nos pensamentos a figura imóvel de Hector, o maldito uruguaio que a perseguia desde os confins do inferno. Por que ela havia aceitado viver com ele? O cão raivoso, que não largava o irritante sotaque castelhano, mesmo vivendo há décadas no Brasil, fora criado por Deus apenas para fazê-la sofrer? Em penoso esforço de concentração mental ela transformou a imagem ameaçadora em uma nuvem de gás, que foi se esvaindo pelas frinchas da casa de madeira. Agora ele não mais existia, pelo menos no aconchego das memórias produzidas. Lentamente a cabeça tornou-se um pouco mais relaxada e as pálpebras pesaram, em benfazejo prenúncio de que as portas dos sonhos, único refúgio confiável de que ela dispunha na sua desventurada existência, já rangiam para acolhê-la. Adriana adormeceu.

No dia seguinte ela despertou com o corpo doído e um indefinível amargor na garganta seca. Levantou-se, andou até a janela, abriu-a vagorosamente e constatou, para sua surpresa,

eduardo@desa.ufmg.br

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2021.
